



A CRISE HUMANA E A POTÊNCIA DO FAZER ARTÍSTICO

FRANCISCO FRANCO BOMBAZAR¹; MARIA LUIZA COSTA SUCAR DOS ANJOS²; NÁDIA DA CRUZ SENNA³

¹ Universidade Federal de Pelotas- contatofranciscofranco@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas- mariasucar@outlook.com

³ Universidade Federal de Pelotas- alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca aproximar o pensamento criativo da vida cotidiana, abolindo fronteiras que possam limitar uma produção artística. A provocação, em sua essência, observa a potência criadora com um olhar focado no interno, não no resultado material, em conexão entende o gesto humano como criativo e desafiador por si só. A arte, então, torna-se uma maneira de proceder. Onde qualquer um tem a si próprio como potência.

Ao relacionar as teorias da Escultura Social e Arte Ampliada do artista Joseph Beuys e as falas da filósofa Nancy Mangabeira sobre a crise ecológica e do espírito, buscamos entender as potências de um outro fazer artístico. A intenção é discutir soluções para esse momento de crise geral, na qual nos defrontamos, onde o ser humano vivencia a cada momento os resultados críticos de um projeto de dominação e exploração da natureza, o individualismo tende a nos isolar e perdemos cada vez mais nossa referência como sujeito ativo e transformador.

Tendo então, o cotidiano como provocador e a rotina como exercício, o princípio artístico pode ser visto além da materialidade, proporcionando uma nova forma de se relacionar com o externo e trazendo o pensamento criativo como material inicial. Indo além da transposição, de um pensamento baseado na formatividade, para expandir as concepções do que pode ser feito com o material e usando o pensamento como a própria forma de potência artística.



2. METODOLOGIA

O estudo segue modelos da investigação bibliográfica e documental, baseada no interesse dos pesquisadores que aproximaram a obra de Joseph Beuys com a da filósofa Nancy Mangabeira. O foco foi o próprio cotidiano para entender o campo artístico em outra dimensão, ultrapassando o espaço acadêmico, de museus e galerias. A busca se deu em torno do mistério escondido dentro do pensar de cada um, pela possibilidade de perceber a criatividade oculta que aciona modos de tornar a arte presente em nosso cotidiano, sem limitações ou rótulos.

“Crise ecológica, a deserção do espaço comum” de Nancy Mangabeira e o segundo capítulo da tese “O pensamento de Joseph Beuys e seus aspectos rituais em ação” da pesquisadora Ana Catarina Marques da Cunha Martins Portugal foram os textos selecionados que fundamentaram a investigação. Além desses materiais escritos, alguns vídeos com entrevistas também foram assistidos para que pudéssemos ampliar a discussão, perceber outros pontos de convergência ou desvio. Também adotamos métodos próprios de pesquisa baseada em artes, buscando e experimentando junto com o escrever, onde o pensamento surge como ideia, mas se expressa de várias formas diferentes, sejam elas uma discussão, um texto ou sob a forma de um trabalho manual.

Todo homem é um artista. Isso não significa, bem entendido, que todo homem é um pintor ou escultor. Não, eu falo aqui da dimensão estética do trabalho humano. Da qualidade moral que ali se encontra, aquela da dignidade do homem. (BEUYS, Joseph. p.110).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dessa investigação, levantamos os seguintes pontos como partes importantes para um processo artístico emancipatório.

- encontrar potência em si
- considerar o pensamento criativo como material inicial
- adotar novos procedimentos para obter novos resultados
- retomar nossa referência como sujeito ativo e transformador
- estabelecer nova forma de se relacionar com o externo



Dessa forma, chegamos em alguns lugares do pensar muito importantes: O ser humano vive um momento complexo em que o consumo desenfreado, junto com um projeto de dominação em relação a natureza, faz com que cada um de nós perca sua referência enquanto ser pertencente a um Todo. Para reconectar-se com o universo de forma integrada é preciso trazer a arte para o cotidiano, a fim de repensar as relações hierárquicas. A arte, com toda sua potência, quando tirada de seu lugar exclusivamente contemplativo pode ser vista de uma forma ampliada. Isto é, como uma experiência instigadora e não como essencialmente a construção de uma materialidade. Se apresenta como uma ferramenta de transformação e ressignificação da relação entre homem-vida-sociedade.

Quem é habilitado a criar? Aqueles que conhecem a linguagem do mundo, ou seja, você e eu. Pensar numa relação de expectador co-criador do sentido é fechar a experiência artística para aqueles que têm acesso a esses espaços expositivos e propositivos. Criando uma posição hierárquica do artista e sua produção.

O momento é grave, do modo mais essencial, porque o homem esqueceu a riqueza que pode significar ser um ser humano. A tentativa de afirmar um poderio sem limite sobre as coisas - o projeto de estabelecer-se como tirano da vida - redundando em seu isolamento, em rompimento do diálogo com a natureza, em perda da referência da terra como abrigo. Em outro nível, este projeto está intimamente ligado aos ritmos da sociedade industrial. [...] O homem contemporâneo perde simultaneamente a noção de seu lugar no universo e o contato com potencialidades constitutivas de sua humanidade. (MANGABEIRA, 2009)

É de extrema importância que o ser humano se reconheça para além de uma materialidade, seja ela do corpo físico ou do bem material. Quando Nancy Mangabeira diz que vivemos numa sociedade onde ser o real significa ser objeto para o sujeito humano, ela nos apresenta uma dimensão objetificante do processo de reconhecimento social. Este se dá a partir do esvaziamento de significado das coisas, isto é, uma priorização da materialidade que advém de um pensamento baseado em uma sociedade construída a partir do consumo.

A necessidade de existência de um objeto artístico pode ser vista por uma ótica mercadológica. Na qual o produto acaba se tornando nada mais do que o testemunho de uma ação feita. O objeto passa a existir para o consumo do



resultado de uma ação, para a apropriação palpável de uma ideia orgânica. A necessidade de uma arte formativizada se dá pelo fetiche de possuir uma idealização. O objeto, no fim das contas, pode vir a distanciar o espectador da obra e, por consequência, reprimir uma experiência totalizadora. A existência da figura do artista, dessa forma, se restringe a espaços específicos, geralmente institucionais, e depende de um reconhecimento externo. Distanciando-se da sua potência transformadora e democrática.

4. CONCLUSÕES

É na experiência que tudo ocorre. A vida é o processo que acontece entre um resultado e outro, tudo o que existe entre o nascer e o morrer. Buscar um resultado concreto a partir de uma única experiência pré-pensada é desconsiderar a multiplicidade do acontecer, a singularidade do existir e a organicidade do viver.

Sendo assim, é necessário construir novos caminhos. Um meio de trazer a arte enquanto ferramenta social de transformação e autonomia é tirá-la do seu local institucional e restrito. A arte e sua prática saem de seu molde e começam a se aproximar da organicidade natural humana, que simplesmente acontece, seja dentro do organismo acionador ou no organismo afetado. A arte torna-se maleável, orgânica, contaminante e mutável. É como prática cotidiana que ultrapassa a inércia, sendo de fato, emancipadora e potencializadora do indivíduo.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEUYS, J. Transformer. 1979. (58m35s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=6-aw0tRZdZY>>. Acesso em: 19 set. 2020
- PORTUGAL, A. C. M. C. M. O Pensamento De Joseph Beuys e Seus Aspectos Rituais Em Ação. 2006. 111. (Departamento de História) – PUC, Rio de Janeiro, 2006.
- MONIZ, L. “A Revolução Somos Nós”: Joseph Beuys Em Perspectiva Museológica. III **Sebramus (2017)**, Brasil, jul. 2019. Disponível em:
<<http://sebramusrepositorio.unb.br/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/view/811>>. Data de acesso: 18 set. 2020
- UNGER, N. M. Crise Ecológica: A deserção do espaço comum. **REVISTA EDUCAÇÃO E REALIDADE**, v.34, n.3, p.147-155, set/dez 2009. Disponível em :
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9542/0> Acesso em: 15 set. 2020